

revista

OVELHA

No 64 Set/Dez 2016 | Ano XXX | Preço ~~2,50~~ Euros | ISSN 0805356

A Multifuncionalidade do Montado como ecossistema agro-silvo-pastoril, foi o tema central do Simpósio Ibérico que incidiu sobre as vertentes Florestal, Animal e dos Recursos Silvestres do Montado de Sobro e de Azinho.

A Ovibeja 2017, que decorre de 27 de Abril a 1 de Maio, dedica esta edição à Promoção Internacional dos Produtos Agro-Alimentares da região, como um dos temas principais desta feira que se realiza no Alentejo há 34 anos consecutivos.



ACDOS
AGRICULTORES
DO SUL

ACREDITAMOS NA PRODUÇÃO NACIONAL.

Conheça as Soluções CA de apoio ao sector agrícola.

- Apoio à Gestão
- Crédito à Tesouraria
- Crédito ao Investimento
- Linhas de Crédito Especializadas
- Parcerias Estratégicas

SE É AGRÍCOLA É PARTE DE NÓS.

CAMPANHA VÁLIDA ATÉ 07/04/2017

SOLUÇÕES PARA A AGRICULTURA E AGRO-INDÚSTRIA

INFORMAÇÕES NA AGÊNCIA OU LINHA DIRECTA:

808 20 60 60

Atendimento 24h/dia, personalizado 2ª a 6ª feira: 8h30
às 23h30 sábados, domingos e feriados: 10h às 23h.

www.creditoagricola.pt

 **CA Vida**

 **CA
Seguros**

 **CA**

Crédito Agrícola

O Banco nacional
com pronúncia local

Desde 1911

Feira do Porco Alentejano 2017



**SANGRE
IBÉRICO**

24
MARÇO



**ALA DOS
NAMORADOS**



**MIGUEL
ARAÚJO**

25
MARÇO



**TVI | SOMOS
PORTUGAL**

**20H00
D'EMPREITADA**

26
MARÇO

23 | 24 | 25 | 26 MARÇO

OURIQUE

ENTRADAS GRATUITAS

ESPECTÁCULOS · TASQUINHAS · GASTRONOMIA · COLÓQUIO · CONCURSOS · SHOWCOOKING

organização:



parceria:



patrocinador principal:



patrocinadores:



Revista OVELHA

Há mais de 30 anos a informar os nossos agricultores



CLAUDINO MATOS
Diretor Geral da ACOS
- Associação de Agricultores do Sul

A Revista OVELHA é uma publicação mantida pela ACOS - Agricultores do Sul, desde o primeiro momento da constituição desta associação. Publicada há mais de 30 anos, a Revista Ovelha cobre uma variedade de tópicos relacionados com a agricultura, a pecuária, as agroindústrias, o associativismo, as políticas agrícolas e o desenvolvimento rural incluindo ainda temáticas culturais e ligadas à sociedade civil.

Inicialmente concebida como principal meio de informação para com os seus associados, a Revista OVELHA desde logo se diferenciou das demais, pelo nível técnico e científico dos conteúdos publicados, pelo seu posicionamento editorial e até pela sua identidade gráfica.

Progressivamente, e refletindo o crescimento desta associação, a Revista OVELHA, continuando a dirigir a informação aos seus associados, passou também a ser a publicação oficial da OVIBEJA, dando cobertura à programação do certame. A revista ampliou o âmbito editorial e, além da agricultura, passou a incluir temáticas ligadas à cultura e à sociedade civil. Distribuída pelos expositores e milhares de visitantes do certame, a revista viu aumentar a sua divulgação e notoriedade.

A Revista OVELHA desde sempre contou com a colaboração permanente dos mais prestigiados investigadores e técnicos, divulgando as novidades e tendências do setor agrícola, através de artigos técnicos e científicos e colunas de opinião das mais diversas personalidades e instituições de diferentes quadrantes: político, empresarial, cultural e institucional.

O seu posicionamento editorial pauta-se por uma postura atenta aos desafios e oportunidades da agricultura regional, nacional e internacional. Acompanha os grandes desenvolvimentos do setor e das políticas agrícolas, sempre com uma visão independente e crítica com o intuito informar, lançar o debate, defender e reivindicar os interesses dos seus associados, parceiros e dos agricultores em geral.

ESTATUTO EDITORIAL Em cumprimento do art.º 17.º da Lei n.º 2/99, de 13 de Janeiro, a Revista OVELHA rege-se, no exercício da sua atividade, pelo cumprimento rigoroso das normas éticas e deontológicas do jornalismo, assumindo assim o compromisso de assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como pela boa-fé dos leitores.

Seleção e Redação de Conteúdos Sendo a Revista OVELHA o órgão oficial da ACOS — Agricultores do Sul, a sua realização compete aos quadros profissionais da mesma, contando com a colaboração de redatores internos e externos e com contribuições de colaboradores habituais (quadros técnicos superiores) que não são funcionários da associação.

Suporte A revista OVELHA está disponível ao público em formato impresso e em formato digital.

Distribuição A Revista OVELHA tem uma tiragem de 2 000 exemplares e é enviada gratuitamente, em formato impresso, aos associados da ACOS, parceiros, clientes e diversas instituições públicas e privadas.

O Estatuto Editorial e a revista em formato digital estão disponíveis no site da ACOS www.acos.pt e da OVIBEJA www.ovibeja.pt sendo distribuída, neste formato, para a base de contactos destas entidades.

A seleção de conteúdos é da exclusiva responsabilidade do Diretor e do Conselho Editorial. As restantes rubricas são propostas pelo Diretor, pela Redação, de acordo com a linha editorial da revista.

Cofinanciado por



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020





Montado

Simpósio Ibérico reforça importância da Multifuncionalidade Montado

PÁGINA 6

A inevitabilidade da multifuncionalidade na Floresta Mediterrânica

JOSÉ POTES

Diretor da Escola Superior Agrária de Santarém (ESAS)

PÁGINA 8

Porco Alentejano Um enorme potencial

NUNO FAUSTINO

Presidente da Associação de Criadores de Porco Alentejano (ACPA)

PÁGINA 10

Projeto GEN-RES-ALENTEJO

Seleção genómica identifica ovinos mais resistentes à peixeira e a parasitas internos (nemátodos gastrointestinais)

PÁGINA 12

Notícias ACOS

34ª Ovíbeja realiza-se de 27 de Abril a 1 de Maio Promover a excelência como passaporte para a Internacionalização

PÁGINA 20

ACOS tem em marcha mais um Serviço Técnico Centro de Inspeção de Equipamentos de Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos

PÁGINA 21

Fofa, anti-alérgica, não irritante e não tóxica ACOS aposta na revalorização da lã, a mais nobre fibra têxtil

PÁGINA 22

ACOS

Ao serviço da agricultura, da região e do País

PÁGINA 24

ACOS no Fórum da Carne de Ovino da União Europeia Experiência da ACOS favorece intervenção a favor da região e do País

PÁGINA 26

Laboratório de Azeitona e Azeite da ACOS Mais qualidade, melhor posicionamento

PÁGINA 28

Certificação de Qualidade ACOS reforça melhoria de desempenho

PÁGINA 29

Alterações climáticas O clima está a mudar. A alimentação e a agricultura também

PÁGINA 30

Homenagem Festival Terras Sem Sombra evocou Manuel de Castro e Brito

PÁGINA 34



montado



Simpósio Ibérico reforça importância da Multifuncionalidade Montado

A Multifuncionalidade do Montado como ecossistema agro-silvo-pastoril, foi o tema central do Simpósio Ibérico que incidiu sobre as vertentes Florestal, Animal e dos Recursos Silvestres do Montado de Sobre e de Azinho. O evento, que contou com casa cheia, foi dirigido principalmente aos produtores, investigadores, estudantes e agentes económicos das diferentes fileiras associadas ao Montado. Organizado pela ACOS – Agricultores do Sul e pelo CEBAL – Centro de Biotecnologia Agrícola e Agro-Alimentar do Alentejo, o Simpósio decorreu no dia 7 de Outubro no Parque de Feiras e Exposições de Beja.

Esclarecer e partilhar informação à escala ibérica, foram alguns dos objetivos que presidiram à organização da iniciativa que incluiu ainda a apresentação do ‘Estado da Arte’ no que respeita a projetos de investigação científica e desenvolvimento, numa ótica de transferência de conhecimentos e tecnologias aos produtores e empresários da fileira.

Foram cerca de 200 os participantes e oradores especializados em diferentes áreas ligadas ao Montado e à Dehesa que debateram e trocaram conhecimento junto de um público heterogéneo ligado às diferentes fileiras deste ecossistema.

A divulgação de boas práticas na gestão do Montado, o problema do declínio e da sanidade e as mais recentes formas de combate a pragas e doenças, a produção sustentada e a comercialização dos produtos agroalimentares decorrentes do Montado, também foram temas abordados.

No âmbito do painel sobre “Valorização, Transformação e Comercialização de Recursos Silvestres do Montado” foram apresentados produtos agro-alimentares para degustação.

No decorrer do Simpósio foi ainda apresentada uma exposição fotográfica ilustrativa do projeto Genosuber desenvolvido pelo CEBAL.

Alentejo representa 80% da área de montado em Portugal

Integrado na Ruralbeja, o Simpósio funcionou como ponto de encontro entre diversos especialistas nacionais e espanhóis com produção técnica e científica comprovada, nas áreas da multifuncionalidade do montado. Segundo Claudino Matos, Diretor-Geral da ACOS, estiveram em cima da mesa temas como a

produção florestal, silvo - pastorícia, produção animal, valorização dos recursos silvestres do Montado, assim como “gestão florestal, sanidade da floresta, certificação dos produtos do montado e investigação científica mais recente”.

Os números, recorda o dirigente desta associação, estão aí e justificam o debate a uma escala ibérica: De acordo com os dados mais recentes no Inventário Florestal Nacional, o montado de sobre ocupa aproximadamente 750 mil hectares e o montado de azinho 390 mil hectares. A área de montado em Portugal representa cerca de 36 por cento da área florestal nacional. Em termos regionais a área de montado no Alentejo representa aproximadamente 80 por cento da área total de montado em Portugal. E a cortiça, que é a principal produção associada, dá a Portugal o primeiro lugar a nível mundial, com uma produção anual que ronda as 150 mil toneladas e um valor, em exportações, que ascende a cerca de 1 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), a preços de mercado, acrescenta Claudino Matos.

Outra das razões do simpósio relacionou-se os seus pontos fracos, o chamado ‘declínio do montado’, que tem vindo a acentuar-se em toda a região Alentejo. E as suas ‘múltiplas causas’ foram também discutidas no simpósio, para além da qualidade da cortiça, a resistência à seca e às doenças que ‘têm sido alvo de investigação recente’, refere o responsável.

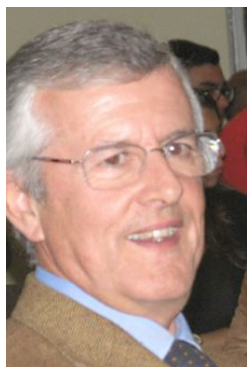
Entre os painéis apresentados destacou-se o referente ao Projeto Genosuber – Sequenciação do Genoma do Sobreiro, apresentado por um investigador do CEBAL – Centro de Biotecnologia Agrícola e Agro-Alimentar do Alentejo. Este projeto tem como principal objetivo o conhecimento do património genético do sobreiro, a espécie florestal com maior interesse económico e social em Portugal. O Projeto Genosuber, pioneiro no nosso país, vai trazer uma nova dimensão à fileira florestal, pela possibilidade de delineamento de estratégias ao nível do melhoramento da espécie, com importantes repercussões a médio e longo prazo no setor produtivo e económico. A composição genética (genoma) do sobreiro está prestes a ser decifrada por um consórcio liderado pelo CEBAL, o que permitirá aprofundar o conhecimento científico sobre esta matéria e selecionar as melhores árvores para futuras plantações.



De acordo com os dados mais recentes no Inventário Florestal Nacional, o montado de sobro ocupa aproximadamente 750 mil hectares e o montado de azinho 390 mil hectares. A área de montado em Portugal representa cerca de 36 por cento da área florestal nacional.



A inevitabilidade da multifuncionalidade na Floresta Mediterrânica



JOSÉ POTES
Diretor da Escola Superior
Agrária de Santarém (ESAS)

Acabamos de passar por mais um equinócio de Verão acompanhado pelo rescaldo de mais de 100.000ha de área florestal ardida e as cíclicas (para não dizer anuais) análises, diagnósticos, reflexões, propostas, políticas, estratégias, promessas e enfim, desilusões!

A Radiotelevisão Portuguesa tem 59 anos de existência e pode dizer-se que o cenário descrito no parágrafo anterior acompanha desde o início o conteúdo dos programas de informação pública. É evidente que muita evolução houve durante estes sessenta anos em todos os domínios, nomeadamente no conhecimento, sua aplicação e tecnologias de recolha de informação e respectiva utilização/divulgação. Porém constata-se uma realidade incontornável: de forma cíclica, embora variável, registam-se anos com picos de incêndios florestais no período estival, cuja dimensão vem directa ou indirectamente correlacionada com o abandono rural, que desde a nossa adesão à União Europeia está por seu turno estreitamente ligado à Política Agrícola Comum (PAC), a que estamos vinculados.

Esta constatação não serve para avaliar as vantagens da adesão de Portugal à UE, que são por demais conhecidas e profundamente realçadas pelo “nosso querido e, infelizmente, já saudoso Amigo” Engº Armando Sevinate Pinto. O presente artigo não tem portanto como objectivo a análise de política agrícola ou a aplicação da PAC a Portugal, pois basta ver a evolução dos indicadores de produtividade do nosso sector primário para avaliar do seu sucesso, mas tão-somente pretende dar especial atenção à “nossa” Natureza, ou de forma mais técnica, realçar a especificidade do ambiente Mediterrânico.

Os sábios ensinamentos do Prof. Mariano Feio (outra personalidade alentejana incontornável) foram muito precisos e concisos: o clima Mediterrânico, caracterizado por um Verão quente, longo e seco e uma queda da precipitação outono/invernal/primaveril muito irregular, é o único clima da Terra onde não chove no Verão. Ainda no âmbito da Mesologia, fomos também alertados para o facto da baixa capacidade de uso dos solos mediterrânicos, não só decorrente deste particular regime climático, como ainda conjugado com o facto de se tratar do “berço” da civilização, isto é, a região da Terra onde há mais tempo se pratica a agri-

cultura de forma sedentária e cada vez mais intensificada/mecanizada, justificando assim nesta associação de condicionantes a fadiga/depauperamento dos actuais solos mediterrânicos.

(...) o produtor florestal mediterrânico teve que evoluir para um agricultor que conjugando a produção florestal, agrícola e animal, implementou um sistema de rotações alargadas para integração dos diversos sistemas de manejo, a que se convencionou denominar de multifuncionalidade, criando sistemas de produção agro-silvo-pastoris adaptados a cada região, que no caso de Portugal adoptou a denominação de Montado e totalmente dependente da presença humana.

A caracterização da Floresta Mediterrânica é decorrente deste ambiente específico e de acordo com os nossos mestres silvicultores (Alves et al, 2012) é predominantemente constituída por um estrato arbóreo menos especializado na produção de lenho (madeira), mas evoluído para a resistência à secura, através de epidermes protectoras/isolantes (cortiça), ou redução da evapotranspiração por mecanismos fisiológicos e texturais das folhas permanentes, ou ainda vocacionado para a produção de fruto (bolota), expressando-se claramente tais processos na família das quercíneas, com particular relevo para o Sobreiro e a Azinheira.

Quanto ao estrato arbustivo observam-se plantas de múltiplos caules e bastante lenhificados, com raízes profundantes capazes de encontrar os escarços recursos aquíferos estivais nas camadas mais profundas do solo, folhas com substâncias protectoras e redutoras da evapotranspiração durante o verão, mas de constituição química de natureza inflamável e produtoras de sementes muito duras, que se fazem representar sobretudo na família das cistáceas, com especial expressão em Estevas e Saragaços.

O estrato herbáceo é diminuto, inerente ao desenvolvimento arbóreo e arbustivo e quando consegue prevalecer é constituído por plantas anuais de ressementeira natural, que evoluíram no sentido de passar o estio sob a forma de semente, única solução para resistir ao verão quente, longo e seco numa planta que não possui capacidade de armazenamento de reservas para tão longo e irregular período (Crespo, 2010).



Uma conclusão evidente é desde logo extraída desta caracterização do ambiente Mediterrânico: os incêndios estivais na Floresta Mediterrânica fazem parte da evolução natural da mesma e estão dependentes da carga de combustível presente (matos) e das condições naturais de ignição, decorrentes do rigor do verão (altas temperaturas e reduzida humidade atmosférica).

Mais, quando ocorre o incêndio é consumida a biomassa arbustiva (podendo ocasionalmente resistir uma ou outra árvore), mas o que também é consumido é a Matéria Orgânica (MO) que reveste o solo, a qual reduz consideravelmente a capacidade produtiva do mesmo, que ao ficar desprotegido irá sofrer da erosão física decorrente das precipitações outono/invernais irregulares, acentuando a respectiva degradação. Resta assim um eventual banco de sementes duras de espécies arbustivas, as quais, num ciclo de desenvolvimento de uma dezena de anos estarão novamente em condições de risco de incêndio.

Perante este quadro natural desenvolveu-se uma agricultura mediterrânica baseada no controlo da flora arbustiva, para contrariar a evolução dos ecossistemas no sentido da autodestruição. Estes são os fundamentos da implementação dos sistemas agro-silvo-pastoris mediterrânicos antropológicos e que tão sabiamente

têm prevalecido ao longo dos séculos.

Contudo, o controlo do estrato arbustivo podendo ser efectuado por via mecânica (sistemas de agricultura) ou biológica (sistemas de pecuária extensiva) tem demonstrado que é através do animal que mais eficientemente se mantém a qualidade produtiva do solo. Esta constatação reside na condição sine qua non de que não existe animal sem pastagem e vice-versa, sendo a pastagem a via mais eficiente na recuperação do solo, nomeadamente pelos efeitos directos nos incrementos de MO (Carvalho, 2014). Porém, o Esquema Alimentar da Pecuária Extensiva Mediterrânica (Potes, 2011) exige a produção forrageira, sobretudo para conservação e garantia de suplementação nas épocas de insuficiência alimentar da pastagem, que praticamente só não ocorre na Primavera.

A conclusão é clara: o produtor florestal mediterrânico teve que evoluir para um agricultor que conjugando a produção florestal, agrícola e animal, implementou um sistema de rotações alargadas para integração dos diversos sistemas de manejo, a que se convencionou denominar de multifuncionalidade, criando sistemas de produção agro-silvo-pastoris adaptados a cada região, que no caso de Portugal adoptou a denominação de Montado e totalmente dependente da presença humana.



O produtor florestal mediterrânico teve que evoluir para um agricultor que conjugando a produção florestal, agrícola e animal, implementou um sistema de rotações alargadas para integração dos diversos sistemas de manejo, a que se convencionou denominar de multifuncionalidade

Porco Alentejano

Um enorme potencial

Foto: ACPA



NUNO FAUSTINO
Presidente da Associação
de Criadores
de Porco Alentejano (ACPA)

A ACPA - Associação de Criadores de Porco Alentejano foi formada no dia 9 de Abril de 1990, em Ourique (DR - II Série n.º 156, de 09/07/1990), sendo a primeira Associação em Portugal, fundada por um grupo de suinicultores com o objetivo de defender os seus interesses coletivos, promovendo e organizando a atividade suínica extensiva da Raça Alentejana.

É actualmente a Associação do sector com o maior número de associados, 278, entre os quais 135 produtores de Porco Alentejano, distribuídos pela zona de influência que integra os concelhos localizados no Alentejo Litoral, Baixo Alentejo, Barlavento e Sotavento Algarvio.

Nos seus 26 anos de existência, a ACPA em parceria com a Câmara Municipal de Ourique e com o apoio de outras entidades, desenvolveu um notável processo de dinamização e promoção da fileira do Porco Alentejano, então em vias de extinção, que culminou recentemente com a distinção de Ourique como Capital do Porco Alentejano (2008), com o intuito de desenvolver, inovar e dinamizar ainda mais o sector a nível nacional e internacional.

A ACPA é a Entidade Gestora dos Nomes Qualificados: Presunto/Paleta de Barrancos DOP (Reg. (CE) n.º 2400/1996); Presunto/Paleta de Santana da Serra IGP (Reg. (CE) 943/2008); Presunto/

Paleta de Campo Maior e Elvas IGP (Reg. (CE) 943/2008); Presunto/Paleta do Alentejo DOP (Reg. (CE) n.º 944/2008) e Carne de Porco Alentejano DOP (Reg. (CE) n.º 617/2003).

As actividades da ACPA têm ido muito para além daquilo que são as obrigações correntes de uma associação deste tipo: Apoio à Produção, à Comercialização, Gestão do Livro Genealógico, Serviços Veterinários, Gestão dos Produtos de Qualidade Certificada, etc.

Efectivamente, muito por força do entusiasmo e da dinâmica que desde o princípio lhe incutiu o seu primeiro presidente e fundador, Sr. José Cândido Matos Félix Nobre, a ACPA tem desenvolvido também um conjunto de actividades notáveis a nível de organização de feiras e mercados, da produção do conhecimento técnico e científica e do acompanhamento e participação em eventos internacionais.

Porco Alentejano e a Montanheira

O Porco Alentejano é uma mais-valia sobretudo para as regiões extensivas de sequeiro onde predomina o montado de sobro e azinho. Estas regiões de terras pobres com poucas ou nenhuma alternativas à pecuária extensiva e cerealicultura de apoio a essa mesma pecuária, têm no porco alentejano de montanheira uma crescente importância no rendimento destas explorações. Este, representa em muitas destas explorações mais de 50% das vendas, o que para a economia das mesmas é de extrema importância e torna possível toda uma planopia de actividades de apoio à produção do porco alentejano como sejam os equipamentos, rações etc, ou seja é dinheiro ganho com o porco alentejano que vai circular no comércio das aldeias e vilas alentejanas. Além de que é de extrema importância em manter atividade nos campos contribuindo para a preservação da paisagem e meio ambiente, mantendo os campos limpos e vigiados o que é importantíssimo para evitar incêndios que tem sempre custos ambientais e económicos elevadíssimos. Existem muitos montados que ainda não são aproveitados pelo porco alentejano pelo que existe muito espaço para crescer a nível do porco de montanheira e também o mercado da carne verde e do porco preto têm enorme potencial.

Foto: ACPA



Como é sabido o porco alentejano de montanha é maioritariamente (mais de 90%) exportado para as indústrias espanholas, é matéria-prima para as mais conceituadas marcas comerciais de presuntos de qualidade como sejam o “5J” da Sanchez Romero e Carvajal entre outras.

Uma pequena parte destes porcos vai para as nossas indústrias para dar origem a presuntos DOP e IGP como sejam o Presunto e Paleta de Barrancos DOP e o Presunto e Paleta de Santana da Serra IGP entre outros.

Para estes nossos produtos de qualidade superior (DOP e IGP) os mercados supra-nacionais poderão representar um importante mercado se não o principal mercado pois estes consumidores têm forte poder de compra e são muito apreciadores destes produtos.

É vital para indústria nacional, sobretudo para as produções de presuntos DOP e IGP e para a carne de porco alentejano DOP, a exportação sendo que se deverá procurar nichos de mercado gourmet pois estes nossos presuntos e carne são algo de extraordinário e terão que ser vendidos como tal, são o nosso caviar, além de que se tratam de pequenas produções e no caso dos presuntos de qualidade superior limitadas às produções de bolota dos nossos montados.



O porco alentejano de montanha é maioritariamente (mais de 90%) exportado para as indústrias espanholas, é matéria-prima para as mais conceituadas marcas comerciais de presuntos de qualidade como sejam o “5J” da Sanchez Romero e Carvajal entre outras.

É importante que a produção se modernize, tanto a nível do processo produtivo (equipamentos mais eficientes) por forma a baixar custos de produção tanto quanto possível, como a nível do espírito empresarial dos produtores pecuários, dotando as suas estruturas colectivas (agrupamentos de produtores) de maior campo de acção ou seja apanhando sectores como a compra conjunta de factores de produção como sejam as rações, cereais, produtos veterinários e os equipamentos pecuários etc.

Um dos grandes desafios será a capacidade do setor se afirmar no mercado nacional sobretudo, a nível de porco alentejano de montanha para presuntos e conseguir que estas produções sejam suficientemente valorizadas que permitam remunerar a produção condignamente pois para estas produções estamos muito dependentes do mercado espanhol, precisamos também de crescer, ganhar dimensão para pensarmos em mercados além fronteiras.

Porco Preto

O nome porco preto foi levado pelos migrantes alentejanos que foram trabalhar para os complexos industriais dos grandes centros urbanos e o nome referia-se ao porco alentejano como porco preto pois o animal é de cor preta e a sua carne tem características de qualidade e sabor únicas. O dito nome ganhou dimensão e espalhou-se por todo o país e para a maioria dos consumidores é associado a um porco de cor preta criado nos campos alentejanos e alimentado com os recursos desses campos. O rendimento em carne magra (músculo) do porco alentejano é baixa comparativamente com outras raças, resultando que o preço da mesma seja mais elevado, começou então a aparecer no mercado carne na sua maioria oriunda de Espanha de porcos cruzados, ou não, de ibérico e produzida em pavilhões (regime intensivo) a preços mais baixos e que se designava por porco preto foi esta a razão para que o porco alentejano destinado ao mercado da carne verde praticamente desaparecesse. O setor do Porco Alentejano tem esperança que o decreto-lei 95/2014 de 24 de junho (denominação comercial porco preto) venha a acabar com as fraudes que existem e que proteja o consumidor.

O Porco Alentejano é uma raça autóctone com características morfológicas muito distintas enquanto que o Porco Preto (decreto-lei 95/2014 de 24 de junho) é uma denominação comercial que além de o porco alentejano poder integrar este processo também aceita animais cruzados de alentejano com a raça duroc mas neste caso, no mínimo, este cruzamento terá que ter 50% de alentejano e as mães terão que sempre alentejanas ou seja apenas o pai poderá ser Duroc.

projeto





gen res

alentejo

Projeto GEN-RES-ALENTEJO

Seleção genómica identifica ovinos mais resistentes à peeira e a parasitas internos (nemátodos gastrointestinais)



A caracterização das doenças e a sua associação genética obtida através de análises de ADN permitem identificar e selecionar os animais mais resistentes contribuindo para uma melhor produtividade global dos rebanhos

Iniciado em Setembro de 2016, o projeto GEN-RES-ALENTEJO terá a duração prevista de 36 meses e tem como principais objetivos a identificação de ovinos com resistência a doenças como a peeira e o parasitismo por nemátodos gastrointestinais em explorações ovinas do Alentejo. O projeto visa a obtenção de três patentes europeias e a metodologia aplicada inclui a caracterização destas doenças e a sua associação genética através de análises de ADN, de forma a identificar os animais mais resistentes. Trata-se de um avanço importante para o melhoramento genético das nossas raças que se irá repercutir num melhor desempenho produtivo e reprodutivo dos animais, e, consequentemente, no rendimento global das explorações.

A metodologia aplicada contempla ainda a caracterização do agente da Peeira (*Dichelobacter nodosus*) através da utilização de marcadores genéticos utilizando métodos de análise muito avançadas. A pesquisa permitirá também identificar os principais fatores de

risco associados à peeira e ao parasitismo e ainda a avaliar em concreto, qual será o impacto económico destas doenças nas explorações ovinas do Alentejo.

Liderado pela ACOS em parceria com a Universidade de Évora (UE), o Centro de Biotecnologia Agrícola e Agro-Alimentar do Alentejo (CEBAL), o Instituto Nacional Investigação Agrária Veterinária (INIAV) e a Direção Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo (DRAPAL), o projeto será ainda desenvolvido em estreita articulação com médicos veterinários dos vários Agrupamentos de Defesa Sanitária da região do Alentejo, e conta com a colaboração de 18 produtores de ovinos que irão disponibilizar os seus efetivos para observação e recolha de amostras para as diversas análises previstas no projeto.

Para melhor percebermos o contexto do projeto GEN-RES-ALENTEJO, conversámos com Claudino Matos, coordenador do projeto, Doutorado em Produção Animal com uma especialização em Genética e Melhoramento Animal, atualmente integra os quadros da ACOS como Diretor Geral sendo também responsável pela execução do programa de conservação e melhoramento da raça ovina Campaniça.

O impacto destas doenças nos efetivos ovinos

A peeira e o parasitismo por nemátodos gastrointestinais são doenças muito frequentes nos efetivos ovinos, e o seu controlo e tratamento representam grandes perdas económicas nas explorações, com custos diretos e indiretos para os produtores.

Segundo Claudino Matos, a peeira e o parasitismo causado por nemátodos gastrointestinais são doenças muito frequentes nos efetivos ovinos, e o seu controlo e tratamento representam grandes perdas económicas nas explorações, com custos diretos e indiretos para os produtores. Apesar de não haver dados com abrangência nacional, vários trabalhos científicos já quantificaram os prejuízos causados por estas doenças, sendo também opinião geral dos médicos veterinários e dos produtores que ambas têm um

impacto económico negativo relevante nas explorações de ovinos do Alentejo.

Porque é importante o controlo destas doenças?

Para além dos aspectos económicos, o controlo destas doenças é imprescindível e tem a ver com múltiplas questões que incluem a saúde animal e humana, o bem estar animal e o ambiente.

Além das perdas económicas, o controlo destas doenças é de extrema importância uma vez que os seus agentes causadores poderão desenvolver resistências aos meios convencionais de combate, nomeadamente antibióticos e desparasitantes. Por seleção natural os agentes causadores de doenças tornam-se resistentes à ação dos medicamentos o que obriga à administração sistemática e em larga escala de medicamentos, que representam, nos nossos dias, um problema sério para a saúde humana e animal. Há também restrições de natureza ambiental no que respeita ao sulfato de cobre ou de zinco, normalmente utilizados nos pedilúvios, como medida profilática e terapêutica de combate à peeira.

Como alternativa a esta abordagem, e fruto dos avanços no campo da genética molecular, tem sido sugerido a utilização de ferramentas genéticas que permitam a seleção de animais naturalmente resistentes às doenças. Por exemplo, todos os pastores observam que num mesmo rebanho existem animais que todos os anos contraem peeira, enquanto outros, que com eles coabitam, nunca manifestaram a enfermidade. Há evidência científica que demonstra a existência de uma base genética para estas diferenças e decifrar essa componente é o grande objetivo deste projeto.

Em que contexto surge a iniciativa para este projeto?

Em primeiro lugar, sendo a ACOS, desde a sua génese, uma associação de criadores de ovinos, temos muito interesse enquanto associação, em desenvolver programas com uma componente científica que permitam a transferência de conhecimento e cujos resultados possam beneficiar diretamente os nossos associados. Sendo conhecidos os impactos negativos em termos económicos e sanitários destas doenças, a iniciativa tem como objetivo minimizar estes impactos na produção de ovinos no Alentejo.

A ACOS é também a entidade gestora do registo genealógico de ovinos da Raça Campaniça, pelo que os resultados deste projeto constituirão um contributo importante para assegurar o melhoramento, a sani-

dade e o bem-estar desta raça que se encontra em risco de extinção. No entanto, as três patentes genéticas que prevemos obter com esta investigação poderão ser utilizadas para a seleção genética de animais de outras populações ovinas do Alentejo, no que respeita à resistência a estas doenças.

Para além disso, a iniciativa de desenvolver este projeto vai ao encontro daquilo que tem sido a política desta associação, estabelecendo parcerias entre várias entidades, criando sinergias e trabalhando para resolver os problemas dos nossos associados e dos agricultores em geral.

Em que medida este é um projeto inovador?

É inovador em várias perspetivas. O melhoramento genético das nossas raças tem como base a recolha de informação fenotípica (pesos, ganhos médios diários, produção de lã, fertilidade, etc.) e genealógica que, depois de tratada a nível estatístico, resulta na avaliação genética dos reprodutores, com base na qual se procede à selecção dos animais. No Projeto GEN-RES-ALENTEJO pretendem-se identificar os genes associados à resistência às duas doenças de modo a incorporar a informação na avaliação genética e deste modo dispor de uma metodologia muito mais robusta que permita seleccionar os animais, não só com base em características produtivas, mas que sejam também resistentes a enfermidades.

No caso específico da peeira o objectivo é também caracterizar o grau de lesão e a sua relação com o serogrupo do *Dichelobacter nodosus* envolvido. Este é um estudo pioneiro em Portugal.

Com esta metodologia pretendemos que o GEN-RES-ALENTEJO seja um projeto exemplar no que res-

A PEEIRA

A peeira é uma doença altamente contagiosa, que afeta a epiderme do espaço interdigital e unhas das ovelhas e outros animais biangulados, tendo como agente causador os vários serogrupos da bactéria anaeróbia, *Dichelobacter nodosus*. A doença é relevante do ponto de vista económico e de bem-estar animal, na medida em que causa claudicação, podendo, as formas mais severas, levar a anorexia, perda de condição corporal, redução do crescimento, da qualidade da lã, da fertilidade e da produção de leite. Os projetos desenvolvidos, com vista ao controlo da peeira por identificação genética noutros países, como o Nepal e a Austrália, apresentam um impacto económico positivo, expresso em ganhos líquidos muito relevantes para os produtores.



O PARASITISMO POR NEMATODOS GASTROINTESTINAIS

O parasitismo por nemátodos gastrointestinais, com uma distribuição mundial, é considerado um problema grave na produção animal, particularmente nos pequenos ruminantes. É uma doença de carácter insidioso, associada a alta morbilidade e baixa mortalidade. De entre os sinais clínicos mais frequentes referem-se a diarreia, a anemia e a caquexia. Mesmo na ausência de sinais clínicos, o parasitismo gastrointestinal por nemátodos é responsável pelo declínio das taxas de crescimento, diminuição do ganho médio diário, aumento do índice de conversão, perda de peso, diminuição da produção de leite e redução da fertilidade. As perdas económicas associadas a esta afeção são elevadas, não só pelas quebras na produção mas também pelos custos associados ao seu tratamento e profilaxia.



peita à colaboração entre as diferentes áreas do conhecimento. É um projeto cujo sucesso passa, indiscutivelmente, pelo nível de envolvimento das várias entidades e que conta muito com o apoio dos agentes que trabalham em campo, permitindo transferência de conhecimento e de tecnologias e, acima de tudo, a aplicação prática das atividades programadas e dos resultados apurados.

Vantagens da seleção para resistência a doenças

A identificação de marcadores genéticos associados à resistência à peeira e ao parasitismo é método imediato e eficiente para selecionar animais com resistência inata à infeção.

A identificação de marcadores genéticos associados à resistência à peeira e ao parasitismo representa um método imediato e eficiente de selecionar animais com resistência inata à infeção.

A utilização de ferramentas genómicas oferece atualmente a possibilidade de caracterizar e quantificar a comunidade bacteriana presente numa grande variedade de sistemas de produção. Esta abordagem de diagnóstico de última geração melhora enormemente o nosso conhecimento relativamente à variabilidade dos agentes etiológicos microbianos.

Apesar de, noutros países, já se terem realizado estudos no que concerne à resistência genética a estas doenças, a identificação de marcadores tem de ter em conta a variabilidade genética entre as diferentes populações dos hospedeiros estudados. De facto existem diferenças genéticas consideráveis entre as várias raças de ovinos o que leva a que os marcadores genéticos identificados numa raça específica sejam ineficientes noutras. Assim torna-se imprescindível analisar cada população/raça de ovinos em particular, a qual deverá ser estudada e monitorizada de modo a possibilitar o aumento da resistência genética à doença.

LABORATÓRIOS ACOS

Laboratórios acreditados



LABORATÓRIO DE QUÍMICA

Parâmetros em Azeitona

- Determinação da gordura, humidade e acidez, por métodos de referência
- Determinação da gordura, humidade e acidez por NIR (métodos rápidos)

Parâmetros em Bagaço de Azeitona

- Determinação da gordura, humidade e teor de caroço por métodos de referência
- Determinação da gordura e humidade por NIR (métodos rápidos)

Parâmetros Azeite

- Determinação da acidez
- Determinação das absorvências (K 232, K268 e ΔK)
- Determinação do Índice de Peróxidos
- Determinação da humidade

LABORATÓRIO VETERINÁRIO

Rastreio de doenças no âmbito dos Planos Oficiais de Saúde Animal de Ruminantes

- Brucelose
- Leucose Enzoótica dos Bovinos

Rastreio de doenças no âmbito dos Planos Oficiais de Saúde Animal de Suínos

- Doença de Aujeszky

Testes de apoio à produção

- Diagnósticos de gestação

Testes coprológicos para avaliação da necessidade de desparasitação dos animais

Rastreios de outras doenças por método ELISA

Laboratório com Reconhecimento Oficial para realização de análises para exportação de animais (método ELISA)

CONTACTOS:

Laboratório de Química

Tel: 284249011

Laboratório de Veterinária

Tel: 284310360

E-mail: laboratorio@acos.pt

Morada: Rua Cidade S. Paulo, nº 36 - Apart. 296 - 7801-904 Beja





notícias

ACOS



34ª Ovibeja realiza-se de 27 de Abril a 1 de Maio

Promover a excelência como passaporte para a Internacionalização



A Ovibeja 2017, que se realiza de 27 de Abril a 1 de Maio, dedica esta edição à Promoção Internacional dos Produtos Agro-Alimentares da região, como um dos temas principais do evento.

Sempre atenta à atualidade e aos desafios da agricultura, a Comissão Organizadora da Ovibeja está a preparar várias ações, interligadas entre diferentes espaços, dedicadas à promoção e processos de internacionalização dos produtos agro-alimentares do Alentejo. Esclarecer os produtores e empresários agrícolas, promover e facilitar contactos e partilhar estratégias são alguns dos propósitos da organização da feira. De acordo com a Comissão Organizadora da Ovibeja, “a promoção dos produtos agro-alimentares da região do Alentejo é uma temática incontornável numa altura em que os produtos da terra se têm revelado de grande importância para o País, com contributos significativos para a exportação e para o equilíbrio da balança comercial”.

Patente em diferentes áreas da grande feira do sul, a temática da internacionalização apresenta-se, como grande novidade, no “Espaço AgroAlentejoExport” com grande incidência nos produtos de origem animal, no potencial das raças autóctones, e do ecossistema do Alentejo como garante de qualidade dos produtos. Este espaço inclui também a programação de conferências, com a participação de peritos nacionais e internacionais.

Além do Espaço AgroAlentejoExport, a temática da internacionalização vai estar patente no Pavilhão da Pecuária e no Pavilhão Terra Fértil - Mostra de Inovação Agrícola e Agribusiness.

Já com provas dadas - classificado como o melhor do mundo - o Concurso Internacional de Azeites Virgem Extra - Prémio CA Ovibeja, já na 7ª edição, tem como propósito estimular a cultura de excelência dos azeites nacionais como passaporte para a internacionalização.

A entrega dos prémios aos vencedores do concurso vai ser feita no dia 29 de abril na Arena do Azeite que vai ainda ser palco do II Simpósio Internacional de Azeite Virgem Extra. A iniciativa vai contar com a participação de diversos oradores e peritos nacionais e internacionais com conhecimento relevante nas áreas dos mercados e promoção internacional do azeite.

“Aumentar o conhecimento e a notoriedade dos nossos produtos de origem alentejana, contribuir com informação e ferramentas que permitam uma maior proximidade e acesso das empresas a mercados-alvo internacionais, dar a conhecer mecanismos inovadores de prospeção” são algumas das metas propostas. A promoção de iniciativas coletivas que potenciem a internacionalização de bens e serviços produzidos na região, alinhados com uma estratégia regional de especialização inteligente é outro dos objetivos traçados com vista a contribuir para a capacitação dos produtores e empresas para as exigências dos mercados internacionais.

Ao reunir o melhor de “todo o Alentejo deste mundo...e mais além!”, a 34ª edição da Ovibeja vai contar com a presença de comitivas políticas, delegações empresariais e representações diplomáticas internacionais. A organização é da ACOS - Associação de Agricultores do Sul.

ACOS tem em marcha mais um Serviço Técnico

Centro de Inspeção de Equipamentos de Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos



A ACOS é Entidade Reconhecida como Centro de Inspeção Periódica Obrigatória de Equipamentos de Aplicação de Produtos Fitofarmacêuticos. O Certificado de Reconhecimento foi emitido pela Direcção Geral de Alimentação e Veterinária.

Com base nesta certificação, a ACOS – Associação de Agricultores do Sul está apta a avaliar e a aprovar os equipamentos de aplicação de produtos fitofarmacêuticos. Esta valência criada pela ACOS vai ao encontro da legislação em vigor, segundo a qual, a partir de 26 de Novembro de 2016 “só podem ser utilizados equipamentos de aplicação de produtos fitofarmacêuticos que tenham sido aprovados em inspeção”.

Estão isentos de inspeção obrigatória os equipamentos utilizados em pulverização manual, os que comportem barra de pulverização inferior a três metros de largura e os polvilhadores. Todos os outros carecem de inspeção, que começa por ser periódica (de cinco em cinco até final de 2019 e de três em três a partir desta data).

Durante as inspeções, a validação dos requisitos, essencial para aprovar as máquinas, é feita por observação, ensaios e medições. O equipamento aprovado é identificado por um selo de inspeção.

Os interessados em inspecionar os seus equipamentos ou que pretendam obter mais informações sobre este procedimento devem dirigir-se às instalações da ACOS, ou contactar para o seguinte número de telefone: 284 310350.

Inspeção, informação e sensibilização

Desde o segundo semestre do ano passado, com maior incidência a partir do dia 26 de Novembro, até ao momento, os serviços técnicos da ACOS inspecionaram 130 equipamentos de aplicação de produtos fitofarmacêuticos, aos quais foi atribuído um selo de inspeção. Tendo em conta que todos os dias chegam à ACOS novos pedidos de inspeção, já estão agendadas inspeções para mais de 200 equipamentos.

Podem recorrer a este serviço sócios e não sócios da ACOS. E têm sido muitas as solicitações. Para agendar um serviço de inspeção, os interessados devem dirigir-se à ACOS ou enviar uma ficha de pré-inscrição disponível no site da ACOS, de forma a serem contactados e informados sobre todos os aspetos relevantes do processo. Na informação prestada, os Serviços Técnicos da ACOS esclarecem os interessados com toda a informação sobre esta questão e entregam um documento sobre passos a ter em conta antes da inspeção.

Os técnicos da ACOS podem deslocar-se às explorações para verificar a conformidade dos equipamentos. O que muitas vezes acontece, é os interessados de um determinado raio de ação juntarem, num único local, vários pulverizadores. O primeiro passo neste processo é uma inspeção visual tendo em conta vários fatores a ter em conta. Seguem-se os ensaios e as medições de débitos e de pressão. E porque esta é uma questão, que sendo obrigatória, é de formação e de informação, a postura primeira da ACOS é de esclarecimento e de sensibilização sobre boas práticas que salvaguardem a segurança e saúde dos utilizadores e consumidores e com a proteção e conservação dos ecossistemas.

Fofa, anti-alérgica, não irritante e não tóxica

ACOS aposta na revalorização da lã, a mais nobre fibra têxtil

PREÇOS À PRODUÇÃO								
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016*
Lã branca (merina)	0,62	1,23	1,23	1,50	1,40	1,30	1,55	1,5
Lã branca (campaniça)	0,60	0,93	1,06	1,15	1,00	1,10	1,20	1,2
Lã preta (merina)	0,44	0,73	0,73	1,10	1,00	1,00	1,10	1,05

* Os valores apresentados são referentes ao adiantamento feito aos produtores. O valor final será encontrado até ao fim de março de 2017

A ACOS – Associação de Agricultores do Sul tem em marcha um projeto de campanhas de tosquia que está a merecer cada vez maior interesse e adesão dos seus associados. Porquê?

Porque, fazendo jus aos valores primordiais da associação, a ACOS mantém o objetivo, que persegue desde sempre, o de valorizar a lã. E, se a união faz a força, é através da concentração de grandes quantidades de lã que há, à partida, melhores condições para obter bons preços. Por outro lado, através do processo de seleção das melhores lãs, uma parte significativa segue para o mercado internacional, com valores de mercado mais competitivos.

O serviço prestado pelas equipas de tosquiadores da ACOS inclui todas as fases do processo, nomeadamente a apanha dos animais, a tosquia e o ensaque da lã.

O preço a pagar por todos estes serviços é de 1,67 euros por ovino.

Toda a lã tosquiada pelas equipas da ACOS deverá ser entregue no Pavilhão das Lãs, em Beja, encarregando-se a ACOS da sua valorização, comercialização e posterior pagamento ao produtor.

A ACOS disponibiliza também, para quem necessite, serviço de transporte das lãs para o seu armazém, sujeito a um valor por quilómetro.

O serviço de tosquia e de revalorização das lãs por parte da ACOS é uma forma de fazer frente ao declínio verificado no setor e, por outro lado, chamar a atenção para a importância da lã, uma fibra natural de grande qualidade.

Ir à Lã e [não] sair tosquiado

Desde os finais da década de 1980 e até à primeira década de 2000, a indústria lanar e toda a fileira a ela

associada viveram anos “negros”, com um declínio acentuado na produção de ovinos, com redução drástica de compradores e consequente preço da lã. As estatísticas revelam que, durante a primeira década de 2000, só no Alentejo o efectivo ovino reduzia a uma média de 20 mil ovelhas por ano. A realidade mostrou, na altura, que o preço da lã não dava para pagar o valor da tosquia.

Como forma de fazer frente a esta situação, a ACOS apostou em 2014 numa estratégia para reverter o declínio.

Através de uma parceria com uma cooperativa espanhola, a Comercial Ovino, consolidada no mercado internacional, a ACOS encontrou uma solução para escoamento e valorização da lã.

A adesão a este serviço “chave na mão” tem vindo a aumentar, ano após ano. Este serviço é aberto apenas aos associados da ACOS, que representa todo o Sul do País e até acima do Tejo.

E se em 2014 – ano de arranque desta campanha – a ACOS tosquiou e concentrou 93 392 quilos de lã, em 2015 este número já subiu para os 153 673 quilos. Em 2016, a ACOS concentrou 209 504 quilos de lã, correspondentes a cerca de 100 mil cabeças de gado. Desta lã, a maior quantidade – aproximadamente 180 mil quilos – é lã merina branca, de boa qualidade.

“Para os produtores os resultados foram imediatos: deixaram de ter prejuízos com a tosquia, obtendo algum lucro e a possibilidade de escoamento da lã para o mercado internacional”. A afirmação é de Miguel Madeira, veterinário, membro da direção da ACOS que refere objectivos mais ambiciosos para um futuro próximo: “voltar a envolver os criadores na produção de lã de qualidade, aperfeiçoar a diferenciação da lã por lotes, consoante o tipo de lã, aumentando assim o valor a pagar pelos lotes de maior qualidade.”

Revalorizar a lã e sensibilizar os seus associados é um dos propósitos da ACOS no sentido de apostarem na melhoria da qualidade desta fibra que começa com a escolha dos melhores reprodutores.

Recordamos que a ACOS, anteriormente designada Associação de Criadores de Ovinos do Sul já desenvolveu, entre os anos 80 até finais de 90, um



serviço de concentração de lãs e formação de tosquiadores, prosseguindo o trabalho tutelado até à altura pelo Estado através do IROMA – Instituto Regulador e Orientador dos Mercados Agrícolas. Através da ACOS a lã era tipificada, loteada e vendida em leilão.

Um fio de Lã, um fio de História

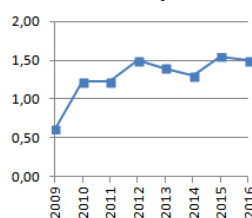
A lã foi, provavelmente, a primeira fibra animal a ser transformada em tecido. Começou a ser fiada em 5000 aC e a primeira fábrica surgiu em Inglaterra em 50 dC. Foi o surgimento de uma indústria que tem vestido a humanidade até aos dias de hoje.

Portugal não foi alheio a esta descoberta, desde o tempo da transumância que de norte a sul do país se foram desenvolvendo pequenas unidades ligadas à indústria lanar, de tal modo que lavadouros ou pisões ainda fazem parte do nosso vocabulário e dão nome a muitas localidades que eram locais de paragem no circuito das lãs.

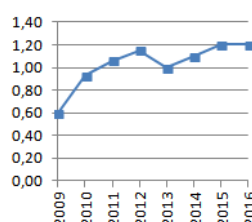
Mas foi no início do século XX em plena 1ª Guerra Mundial que a procura internacional desta matéria-prima impulsionou o desenvolvimento de uma indústria lanar, que em Portugal levou ao desenvolvimento de várias unidades fabris, principalmente no centro e norte do país, sendo que a lã portuguesa tinha notoriedade e reconhecimento além-fronteiras.

Também no pós-2ª Guerra Mundial assistiu-se

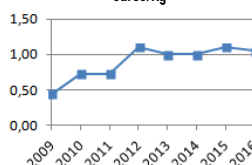
Lã Branca Merina
euros/Kg



Lã Campaniça
euros/Kg



Lã Preta
euros/Kg



em Portugal a um programa de organização da produção e melhoramento de raças, que visava também o melhoramento da qualidade lanar portuguesa. Entre outras medidas, o projeto incluía seleção de reprodutores, o acompanhamento da qualidade da lã ainda nos rebanhos, formação de tosquiadores, acompanhamento das tosquiadas, concentração e avaliação das lãs. É neste contexto que surge a Junta Nacional dos Produtos Pecuários, a que se seguiu o IROMA – Instituto Regulador e Orientador dos Mercados Agrícolas, cujas funções no âmbito da lã, no Baixo Alentejo, a ACOS veio, mais tarde, assumir.

Nada indicaria um declínio tão drástico de uma indústria que sempre floresceu em Portugal, cuja base, a criação de ovinos, é uma das mais tradicionais atividades agrícolas em todo o território português.

Os finais da década de 1980, a de 1990, e ainda a primeira década de 2000, foram anos ‘negros’, não só para a indústria lanar, como para toda a fileira a ela associada.

Se por um lado, durante os anos 80 e 90 se assistiu à formação da Austrália como a grande potência lanar com atividades industriais especializadas, o que constituiu uma enorme ameaça e desregulamentação das indústrias europeias, ao mesmo tempo assiste-se a uma progressiva substituição das lãs pelas fibras sintéticas de menor valor têxtil e de fácil adaptação às exigências do mercado internacional.

ACOS

Ao serviço da agricultura, da região e do País

Ao agregar os interesses do setor agrícola, a ACOS tem desenvolvido o seu trabalho de modo a consolidar e reforçar serviços que promovam a diferenciação, o conhecimento e a partilha de informação e de meios facilitadores de melhorias técnicas, organizacionais e económicas que promovam inovação, eficiência, rentabilidade e cadeias de valor., com aplicação desde o departamento de Sanidade Animal, passando pela Formação Profissional, os Serviços Técnicos, bem como na promoção da região através da organização da OVIBEJA.

São muito variados os serviços atualmente prestados pela ACOS aos seus associados e clientes. Entre os objetivos propostos, sempre presentes, destaca-se a necessidade de ir ao encontro dos novos desafios que o setor atravessa a nível regional e nacional.

Ovibeja Organizada pela ACOS, a Ovibeja nasceu em 1984 com uma exposição de ovinos na tradicional Feira da Primavera, em Beja, num verdadeiro esforço de voluntariado. A Ovibeja desde logo se afirmou pela sua pluralidade, pela inovação e pelo sentimento de pertença a que os expositores e visitantes já se habituaram, sendo hoje considerada a Grande Feira do Sul.

A Ovibeja, que em 2017 marca a sua 34ª edição - de 27 de Abril a 1 de Maio - tem vindo a aumentar e a diversificar a sua área de atuação, num permanente esforço de modernização e de resposta aos novos desígnios colocados ao setor, à região e ao País. Prova da grande aposta a pensar na melhoria da qualidade e na competitividade é o Concurso Internacional de Azeite Virgem Extra - Prémio CA Ovibeja, que já conquistou o 1º lugar a nível internacional, entre os 15 melhores cotados pelo COI - Conselho Oleícola Internacional.

A Ovibeja é “todo o Alentejo deste mundo” e revela a excelência do mundo rural. É palco da discussão e abordagem dos principais temas da atualidade, numa programação intensiva de colóquios e debates dedicados aos temas centrais da agricultura alentejana e nacional.

Concursos e exposições de gado, provas equestres, artesanato, produtos regionais e gastronomia, comércio, eventos desportivos, exposições empresariais e institucionais preenchem a oferta do certame. Uma intensa programação cultural com os primeiros concertos de Primavera no País, eventos de valorização da cultura tradicional e as incon-

tornáveis “ovinoites” suscitam o reencontro e a festa de largos milhares de visitantes.

Serviços de Apoio Técnico A informação técnica, por um lado, e o marketing setorial e territorial, por outro, revelam-se as molas impulsoras da região Alentejo e, portanto da ACOS, na sua função de agente de desenvolvimento regional, e na sua política de competitividade nacional. Torna-se obrigatório para a ACOS integrar uma estratégia de apoio e promoção das vantagens competitivas da agricultura através de uma prestação diversificada de serviços.

Entidade Reconhecedora de Regantes A ACOS está reconhecida pela DGADR como Entidade Reconhecedora de Regantes, prestando todo o apoio e encaminhamento necessários à boa execução do processo por parte dos agricultores que pretendam obter o título de regante, e beneficiar, deste modo, de apoios financeiros no âmbito do uso eficiente da água.

Raça Ovina Campaniça A ACOS é entidade responsável pelo Registo Genealógico da Raça Ovina Campaniça e pela execução do respetivo programa de melhoramento e conservação.

A extraordinária adaptação da ovelha Campaniça às condições agrestes do meio, permite que seja considerada como uma realidade ecológica, resultante duma selecção quase natural.

As ações em curso visam o apoio aos criadores da raça de modo a contrariar o risco de extinção em que se encontra atualmente.

ADS/OPP - Agrupamento de Defesa Sanitária / Organização de Produtores Pecuários A saúde animal é fator determinante na viabilidade das explorações pecuárias e condição para o garante da Saúde Pública.

A melhoria do estatuto sanitário dos efetivos pecuários e, consequentemente, das regiões onde são explorados apenas se pode atingir mediante a colaboração coordenada de todos os intervenientes do sector no controlo e erradicação das doenças e na implementação das medidas que visam prevenir a sua introdução nas explorações pecuárias.

Ciente desta realidade, a ACOS criou em 1989 o Agrupamento de Defesa Sanitária (ADS) de Beja, uma



estrutura técnica e administrativa à disposição dos seus associados. Esta Organização de Produtores Pecuários é responsável desde esta data pela sanidade dos bovinos, ovinos e caprinos explorados nos Concelhos de Beja, Cuba, Ferreira do Alentejo, Alvito, Vidigueira e Portel. Atualmente, para além destes efetivos, abrange também alguns sedeados nos Concelhos próximos, nomeadamente em Serpa, Mértola, Castro Verde, Ourique, Aljustrel, Odemira, Santiago do Cacém, Grândola, Torrão, Alcácer do Sal e Viana do Alentejo.

O ADS de Beja é membro da União dos ADS do Alentejo, organização que congrega os onze ADS existentes no Alentejo, tendo já desempenhado funções diretivas no seio desta organização de cúpula. Integra também, por via da União dos ADS do Alentejo, a Federação Europeia para a Saúde Animal e Segurança Sanitária - FESASS.

SNIRA – Sistema Nacional de Informação e Registo Animal O SNIRA estabelece as regras para a identificação, registo e circulação dos animais das espécies bovina, ovina, caprina, suína, bem como de equídeos.

A ACOS disponibiliza aos seus associados o serviço de registo na base de dados do SNIRA de identificações/nascimentos, movimentações, desaparecimentos, mortes, quedas de marcas auriculares oficiais, reidentificações e atualização dos efetivos (Declarações de Existência).

Neste âmbito da rastreabilidade animal, a ACOS presta aos seus associados o serviço de Identificação Electrónica, o apoio no preenchimento dos Registos de Existências e Deslocações (RED), agora facultativos, e assegura ainda o apoio no preenchimento do Livro de Medicamentos.”



São muito variados os serviços atualmente prestados pela ACOS aos seus associados e clientes. Entre os objetivos propostos, sempre presentes, destaca-se a necessidade de ir ao encontro dos novos desafios que o setor atravessa a nível regional e nacional.

REAP – Regime de Exercício da Atividade Pecuária Os serviços da ACOS dispõem de toda a informação necessária ao Licenciamento das Atividades Pecuárias e estão credenciados para efetuar a instrução de processos de REAP, tendo em conta as exigências em matéria de segurança, higiene e saúde no trabalho, ambiente, bem-estar animal e condições higio-sanitárias e recursos hídricos.

PRODI e MPB – Modo de Produção Integrado e Modo de Produção Biológico – Cadernos de Campo A ACOS disponibiliza aos seus associados e clientes o serviço de preenchimento e organização dos Cadernos de Campo, prestando todo o apoio técnico e administrativo.

Seguros de Colheitas A ACOS disponibiliza aos seus associados um pacote de seguros de colheitas (olival e culturas arvenses, englobando oleaginosas) com cobertura global, incluindo acesso ao Fundo de Calamidades.

SIRCA – Sistema de Recolha de Cadáveres de Animais na Exploração O SIRCA tem como missão recolher e destruir os cadáveres dos animais em tempo útil e permitir efetuar a monitorização obrigatória das encefalopatias espongiformes transmissíveis (EET).

A ACOS é responsável ACOS, no âmbito de uma prestação de serviços, pelo atendimento telefónico das comunicações de mortes de ovinos e caprinos, oriundas de todo o País e pela operacionalização das recolhas de pequenos ruminantes em todo o sul do Tejo.

A linha de atendimento, que funciona todos os dias das 08h00 às 20h00, é a seguinte: 284327402. O email é: sirca@acos.pt.

Formação Profissional A ACOS é entidade formadora certificada pela DGERT.

A Formação Profissional que a ACOS realiza desde 1995, com acreditação da INOFOR desde 1998. A ACOS investe na qualificação especializada dos agentes agrícolas, no sentido de potenciar mão-de-obra, desenvolver a rede agrícola regional, focada na competitividade a nível nacional.

A ACOS tem desenvolvido ações de formação homologadas quer pelo Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, quer pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional e atualmente também pela ACT-Autoridade para as Condições de Trabalho.

Laboratório Veterinário O Laboratório Veterinário da ACOS é uma unidade acreditada pela NP EN ISSO/IEC 17025 no âmbito das análises veterinárias, cuja política assenta na prestação de serviços de elevada qualidade, rapidez, confidencialidade e imparcialidade dos seus resultados.

A principal atividade do laboratório é a realização de análises (serologia) dos Planos Oficiais de Saúde Animal, processando anualmente mais de 200 mil amostras. Outras análises veterinárias, coprológicas, alimentares ou de águas são asseguradas através de parcerias com outros laboratórios.

ACOS no Fórum da Carne de Ovino da União Europeia

Experiência da ACOS favorece intervenção a favor da região e do País



Os aspetos económicos, sociais e ambientais da criação de ovinos da União Europeia (UE), os desafios do comércio e do aprovisionamento, a promoção da carne de ovino e as políticas europeias que afetam o sector ovino, foram as áreas chave de quatro conferencias que reuniram representantes dos Estados Membros da União Europeia com uma produção significativa de ovinos, em representação tanto de produtores, como de transformadores e comerciantes de carne de ovino da UE.

Trata-se do 'Fórum da Carne de Ovino da União Europeia', organizado pela Comissão Europeia por iniciativa do Comissário para a Agricultura e Desenvolvimento Rural, Phil Hogan com o objetivo de identificar os desafios atuais e futuros do sector da carne de ovino da UE.

A ACOS - Associação de Agricultores do Sul, foi a entidade que representou Portugal a convite do Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral (GPP). Miguel Madeira, membro da Direção da ACOS e também responsável pelo departamento de Sanidade e Produção Animal, participou nas quatro sessões do Fórum.

O Fórum permitiu identificar os assuntos-chave na fileira ovina europeia que necessitam de ser traba-

lhados no futuro, dos quais resultou numa longa lista de recomendações para melhoria do setor. Trata-se de um verdadeiro roteiro gerado pelo trabalho deste fórum, que teve início em novembro de 2015 e terminou em Outubro de 2016 e que será agora apresentado às instâncias decisoras da União Europeia.

A ACOS felicita esta iniciativa, considerando o documento de recomendações bastante consistente e abrangente, com foco nos pontos críticos que necessitam de ser acautelados pela PAC.

Miguel Madeira sublinha que estes Fóruns, e outras iniciativas semelhantes, são uma verdadeira oportunidade para participar ativamente no desenvolvimento de políticas agrícolas, e de fazer pressão para que enquadrem e respondam às necessidades de contextos agrícolas mais marginais, como é o caso de Portugal.

O representante da Associação referiu ainda que o sector ovino tem sido sempre um tema central para a ACOS que, desde a primeira hora, marcou presença em iniciativas de âmbito europeu na área dos ovinos e dos caprinos. Para além disso, tem desenvolvido vários projetos de âmbito europeu relacionados com as lãs, sanidade, identificação eletrónica de animais, bem como projetos de comercialização e promoção do setor e ainda projetos de âmbito científico como é o caso do

GEN-RES-Alentejo, e representa um grande número de efetivos ovinos a nível nacional.

E acrescentou que, para além de estar muito familiarizada com iniciativas de discussão de âmbito europeu, a ACOS é detentora de grande experiência de campo e informação sectorial, que lhe permite acompanhar e intervir como representante nacional do sector e como entidade de lobby transparente, que é uma forma legal e com um peso importante nas negociações em Bruxelas.

Miguel Madeira sublinhou ainda que houve um largo consenso na versão preliminar do documento de recomendações, mas, ainda durante o debate, foi proposta a inclusão de outros assuntos para versão final da carta de recomendações:

Entre as propostas, destacam-se o alargamento das recomendações à produção de ovinos de leite e caprinos; uma maior orientação das políticas de apoios associados à produção ativa de borregos em vez de apenas à ovelha; permitir o pastoreio nas Zonas de Interesse Ecológico, passar a considerar a lã e as peles de ovino como produtos agrícolas.

ACOS acrescenta temáticas novas ao debate do Fórum Ovino Europeu

O veterinário da ACOS e seu Vice-Presidente disse ainda que, uma questão salientada no Fórum pela Associação é a divulgação e diferenciação da carne de borrego dos países do sul da Europa como uma carne



O contacto com associações congêneres internacionais e o conhecimento dos desafios do setor ovino são de uma extrema importância para os objetivos estratégicos da ACOS

saudável e magra. “Os nossos borregos são consumidos em idade jovem, com um maneio em extensivo que lhe confere uma carne saudável, sem gordura, de elevada qualidade e rica em nutrientes para o consumidor”.

E prossegue, “também introduzimos em discussão o facto de a lã e as peles de ovino não serem considerados produtos agrícolas, e por isso não poderem beneficiar de medidas de apoio à produção ou comércio. Com o apoio dos representantes espanhóis e outros do Sul da Europa, conseguimos a menção destas matérias no documento final.”

Miguel Madeira destaca como uma oportunidade única a representação de países com menores produções, com especificidades geográficas e contextos agrícolas mais marginais, como é o caso de Portugal. “Temos, nestas iniciativas, uma oportunidade para apresentar a realidade agrícola e produtiva e fazer pressão para que as políticas desenvolvidas as salvaguardem”, disse.

“A participação nestes Fóruns, o contacto com associações congêneres internacionais e o conhecimento dos desafios do setor ovino são de uma extrema importância para os objetivos estratégicos da ACOS”, frisou Miguel Madeira. E acrescentou “permitem-nos orientar a nossa atuação no contexto atual, levando em linha de conta as diretrizes e o contexto internacional e nacional. A ACOS já diligenciou, junto do GPPa Direção Geral de Agricultura, uma reunião com parceiros e outros representantes do setor ovino em Portugal tendo em vista a necessidade urgente de organizar a fileira ovina.

Apoio económico e promoção da carne de ovino

As duas principais recomendações saídas do Fórum dizem respeito, em primeiro lugar, à necessidade de manter o apoio económico ao setor, não apenas a nível produtivo mas também ambiental. A segunda refere a necessidade de promover e reativar o consumo interno de carne de ovino, atualmente em declínio, através de um programa de promoção e comunicação do setor ovino no mercado comunitário para conseguir reativar o consumo, que nos últimos 15 anos caiu cerca de 40%.

O documento refere uma série de outros fatores a ter em atenção, como a manutenção dos pagamentos diretos ao setor e as ajudas associadas.

Além destas duas recomendações principais, foi ainda salientada a priorização dos jovens em todas as ajudas e medidas para o setor, o uso da pastagem em áreas de interesse ecológico em tempo de produção, como temáticas cuja importância foi unanimemente defendida.

Outras medidas propostas passam pelo melhoramento da transparência de mercado, através da criação de um Observatório de Preços e estender ao

setor o estabelecimento de uma relação contratual de forma a fortalecer a posição do produtor na cadeia produtiva.

Em foco esteve ainda a necessidade de proteger o setor das importações através de uma série de medidas, entre as quais, não aumentar o acesso ao mercado comunitário e considerar o setor de ovinos como sendo sensível nas negociações de acordos comerciais. E também procurar uma solução política para o comércio com o Reino Unido após o Brexit.

Foi igualmente abordada a simplificação dos requisitos burocráticos e condicionalidade, específicos ao sector ovino, de forma a que os produtores dos Estados Membros possam beneficiar de flexibilização legislativa para determinadas não-conformidades não intencionais. A Comissão propõe uma abordagem mais justa e proporcional no que respeita a penalidades e tolerâncias, preocupações que estão relacionadas, principalmente, com a derrogação da identificação eletrónica dos animais que vão diretamente para abate.

Laboratório de Azeitona e Azeite da ACOS

Mais qualidade, melhor posicionamento



O Laboratório de Química da ACOS, vocacionado para a análise de azeitona e azeite, funciona desde Outubro de 2012. Este Laboratório recebe amostras de azeitona, azeite, bagaço de azeitona e óleo de bagaço de azeitona que poderão ser analisados por métodos rápidos ou por métodos de referência de acordo com as necessidades de quem o procura. Os principais clientes do laboratório são produtores de azeitona e lagares, quer de cooperativas quer privados.

O Laboratório de Azeite e Azeitona resulta de um esforço de investimento da ACOS - Associação de Agricultores do Sul - num sector onde havia reconhecidamente uma lacuna ao nível do apoio laboratorial, num contexto em que a fileira oleícola se encontra em grande expansão.

O reconhecimento desta necessidade e da importância do Laboratório de Química da ACOS é evidenciado pelo aumento que se verifica todos os anos no número de amostras recepcionadas e no número de clientes que procuram o laboratório, representando por isso um marco importante para o sector. A resposta que é dada pelo Laboratório de Química da ACOS permite conjugar proximidade e qualidade, servindo

como um apoio indiscutível à decisão dos vários intervenientes da fileira oleícola.

Reconhecimento internacional

Desde Setembro de 2015, o Laboratório de Química da ACOS está acreditado para análises de azeitona e azeite pela norma NP EN ISO/IEC 17025, o que garante um reconhecimento internacional da competência do laboratório.

O Laboratório da ACOS tornou-se, assim, no primeiro - e até agora único - do país a estar acreditado para ensaios de azeitona. Os ensaios que se encontram acreditados são os métodos de referência da azeitona e os da qualidade do azeite.

Tendo como objectivo o aumento da oferta disponível, está neste momento, a decorrer a fase final do processo de acreditação pela mesma norma, para o bagaço de azeitona e óleo de bagaço de azeitona.

O Laboratório de Química da ACOS está também autorizado a fazer as análises para a exportação de azeite para o Brasil.

Certificação de Qualidade

ACOS reforça melhoria de desempenho

A ACOS – Associação de Agricultores do Sul recebeu, no início de 2016, a Certificação de Qualidade NP EN ISO 9001 em resultado da melhoria contínua do seu desempenho e da qualidade dos serviços prestados.

A Certificação do Sistema de Gestão de Qualidade da ACOS atribuída pela SGS ICS – Serviços Internacionais de Certificação atesta a qualidade e a conformidade dos serviços da Associação com princípios e regras de rigor, transparência e esforço continuado de melhoria tanto em termos de gestão como de desempenho profissional com vista à cada vez maior satisfação dos seus associados e clientes.

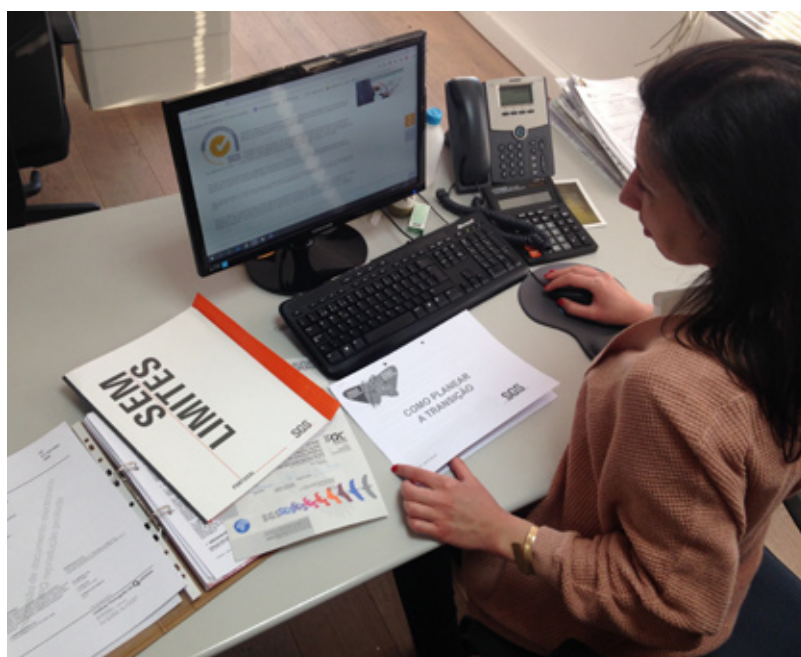
A Certificação da ACOS – de reconhecimento internacional – apresenta-se como mais um estímulo para a melhoria da qualidade dos serviços prestados, bem como da visibilidade da Associação na região e no País, para a optimização da gestão e dos métodos de trabalho, do envolvimento e da qualificação dos seus trabalhadores e demais colaboradores.

Esta é também uma ferramenta que encoraja a criação de novos serviços e respostas inovadoras em função das novas necessidades e desafios emergentes na região e no País.

A Certificação da ACOS engloba as atividades do Serviço de Formação Profissional, Serviço de Sanidade Animal, Serviço de Apoio Técnico, Serviço Comercial (Ovibeja, Leilões e Loja), Serviço de Laboratórios, Serviço de SIRCA – Sistema de Recolha de Cadáveres Mortos na Exploração.

De destacar que o Laboratório Veterinário e o Laboratório de Química da ACOS (para análises à azeitona e azeite) estão ainda acreditados por Norma de Reconhecimento Internacional, a NP EN ISO/IEC 17025. O de Química é, neste momento, o único em Portugal acreditado para análises à azeitona. Os ensaios que se encontram acreditados são os métodos de referência da azeitona e os da qualidade do azeite.

Também o Serviço de Formação Profissional está certificado pela DGERT. Através da formação a ACOS investe na qualificação especializada de agentes agrícolas e agro-pecuários focada na competitividade económica a nível nacional.



A Certificação do Sistema de Gestão de Qualidade da ACOS atribuída pela SGS ICS – Serviços Internacionais de Certificação atesta a qualidade e a conformidade dos serviços da Associação com princípios e regras de rigor, transparência e esforço continuado de melhoria tanto em termos de gestão como de desempenho profissional com vista à cada vez maior satisfação dos seus associados e clientes.

Alterações climáticas

O clima está a mudar. A alimentação e a agricultura também.



Um dos maiores problemas relacionados com as alterações climáticas é a segurança alimentar. As pessoas mais pobres do mundo – muitas das quais são agricultores, pescadores e pastores – são as mais afectadas pelas altas temperaturas e pelo aumento da frequência de desastres relacionados com o clima.

Ao mesmo tempo, a população mundial cresce constantemente e espera-se que chegue a 9 600 milhões de pessoas em 2050. Para satisfazer uma procura tão grande, os sistemas agrícolas e alimentares terão que adaptar-se aos efeitos adversos das alterações climáticas e tornarem-se mais resilientes, produtivos e sustentáveis. É a única maneira de garantirmos o equilíbrio dos ecossistemas, o bem-estar das populações e a redução de emissões.

Cultivar alimentos de forma sustentável significa adoptar práticas que permitem produzir mais com menos, na mesma superfície de terra, usando os recursos naturais de forma criteriosa. Significa também reduzir a perda de alimentos antes da fase de produto final ou venda a retalho através de uma série de iniciativas que incluem uma melhor colheita, armazenamento, embalagem, transporte, infraestruturas e mecanismos de mercado, assim como um melhor quadro institucional e legal. Por isso a mensagem da FAO para o Dia Mundial da Alimentação 2016 é “O clima está a mudar. A alimentação e a agricultura também.”

A mensagem reflecte o momento crucial em que se realiza o evento, imediatamente antes da próxima Conferência sobre as Alterações Climáticas da ONU, COP 2, de 7 a 18 de Novembro de 2016 em Marrakech, Marrocos. A FAO convoca os países a abordar a alimentação e a agricultura nos seus planos de acção climática e a investir mais no desenvolvimento rural.

Fortalecendo a resiliência dos pequenos agricultores, podemos garantir a segurança alimentar da população do planeta ao mesmo tempo que reduzimos as emissões.

Fonte: FAO website <http://www.fao.org/world-food-day/2016/theme/es/>

Livro ilustrado <https://indd.adobe.com/view/bf52afcf8-f3d2-43b0-a7ed-acb94675ff0>

SIMPÓSIO IBÉRICO DO MONTADO BEJA 2016

RURALBEJA | PARQUE DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES DE BEJA

7 DE OUTUBRO

ENTRADA LIVRE MEDIANTE INSCRIÇÃO

TEMÁTICAS

/ A MULTIFUNCIONALIDADE DO MONTADO

/ DIVULGAÇÃO FLORESTA

Investigação

Sanidade

Certificação

Boas Práticas de Gestão do Montado

/ A PECUÁRIA NO MONTADO

Pequenos Ruminantes

Bovinos

Porco Ibérico

Mercado Montanheira

/ RECURSOS SILVESTRES DO MONTADO

Valorização

Transformação

Comercialização



terras sem



sombra

Homenagem

Festival Terras Sem Sombra evocou Manuel de Castro e Brito

Fotos: TerrasSemSombra2016©feelingphotography/Alfredo Rocha



O Festival Terras Sem Sombra – Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja evocou este ano, a título póstumo, Manuel de Castro e Brito e Armando Sevinate Pinto

A organização do Festival Terras Sem Sombra – Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja evocou este ano, a título póstumo, Manuel de Castro e Brito, Presidente da ACOS e Presidente da Comissão Organizadora da Ovibeja que sempre apoiou e valorizou o Festival. Empenhado, desde sempre, na defesa e valorização da região, Castro e Brito, falecido em Março deste ano, “colaborou com o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja na recuperação dos valores culturais associados à antiga transumância, um dos fios condutores para a valorização das igrejas e ermidas que acompanham as antigas canadas reais, ligando o Baixo Alentejo à Serra da Estrela e à Meseta Ibérica.

Um dos exemplos da articulação de esforços e de vontades, é a parceria estabelecida em 2014 entre a ACOS – Agricultores do Sul e o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, para a recriação da transumância de ovinos. No dia da inauguração da 31ª Ovibeja, um rebanho de mais de 300 ovelhas da raça Campaniça fez um percurso pelas ruas da cidade até à avenida principal da feira. Na altura, o historiador José António Falcão lembrou que há uma ligação fundamental entre a actividade pecuária e a fundação de alguns dos principais santuários do território. Uma

“estreita articulação entre o património edificado, as vias privilegiadas para os rebanhos – as canadas reais – e a prática religiosa, tendo como pano de fundo o desenvolvimento da região em momentos importantes do seu devir”.

Fundado em 2003, o Festival Terras sem Sombra é uma iniciativa da sociedade civil que visa tornar acessíveis, a um público alargado, os monumentos religiosos da Diocese de Beja, como locais privilegiados – pela história, pela arte, pela acústica – para a fruição da música sacra. Este projecto cedo cativou a atenção internacional pela notoriedade do seu programa, contribuindo para trazer nova vida ao Alentejo com a força criativa e o talento de compositores consagrados, intérpretes e artistas de reconhecimento internacional.

De carácter itinerante, coloca a tónica na descentralização cultural, na formação de novos públicos, na inclusão, na sustentabilidade e na valorização do Alentejo.

Tem uma programação de qualidade internacional de que fazem parte, além dos concertos, conferências temáticas, visitas guiadas e acções de pedagogia artística.

O diálogo entre as grandes páginas do passado e a criação contemporânea, a abertura a jovens compositores e intérpretes, a encomenda regular de novas obras, a transversalidade das artes, o resgate do património musicológico, a visão ecuménica do Sagrado são elementos estruturantes de um projecto que rasga fronteiras.

O FTSS dá a conhecer um território que sobressai pelos valores ambientais, culturais e paisagísticos e apresenta um dos melhores índices de preservação da Europa.

A valorização dos recursos naturais constitui outra das suas prioridades: a cada espectáculo, associa-se uma acção-piloto de voluntariado para a salva-guarda da biodiversidade com a participação, ombro a ombro, dos artistas, do público e das comunidades que o Festival percorre.

Na edição de 2016, a organização do Festival Terras Sem Sombra evocou ainda Armando Sevinate Pinto, antigo ministro da Agricultura, alentejano e que, entre outras participações de relevo, foi o primeiro presidente do Conselho de Curadores do Festival.



Empenhado, desde sempre, na defesa e valorização da região, Castro e Brito, falecido em Março deste ano, “colaborou com o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja na recuperação dos valores culturais associados à antiga transumância, um dos fios condutores para a valorização das igrejas e ermidas que acompanham as antigas canadas reais”.





O CAFÉ DA SUA VIDA 



PROVADO COM DISTINÇÃO.

Produzir um café de qualidade dá muito trabalho, mas também dá prémios. E a prova está aqui: a Delta voltou a ser distinguida com os prémios “Marca de Confiança” (16º ano consecutivo), “Escolha do Consumidor” (5º ano consecutivo) e “Prémio 5 Estrelas” (3º ano consecutivo). **Obrigado pela sua preferência e continue a saborear a vida na nossa companhia, com distinção.**



34^a OVI BEJA

27 de Abril a 1 de Maio 2017



TODO
O ALENTEJO
DESTE
MUNDO